

REPORTAGEM COMO MEDIAÇÃO ENRIQUECEDORA: DA PALAVRA BUROCRÁTICA À PALAVRA REVELADORA

*REPORT AS ENRICHING MEDIATION:
FROM THE WORD BUREAUCRATIC
TO THE WORD REVEALING*

RESUMO

Em um momento de iminente crise nos meios de comunicação impressos no Brasil, com demissões em massa e fechamentos ou reorganização de empresas, discorremos a respeito da reportagem como um gênero que possibilita experimentações e que, na visão de pesquisadores e profissionais, está atrelado ao futuro do jornalismo impresso. Através de uma reflexão bibliográfica e também dinâmica, com exemplos atuais, procuramos discutir neste ensaio como a reportagem deve ser feita em tempos de superficialidade e de amarras para que os repórteres permaneçam nas redações.

Palavras-chave: Jornalismo impresso. Reportagem. Jornalismo Literário.

Marcio Fernandes

marciofernandes@unicentro.br

Doutor em comunicação e cultura e professor de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Scheyla Joanne Horst

shorst@unicentro.br

Mestre em Letras e comunicadora social na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

DOI: 10.21882/ruc.v7i13.791

Recebido em: 04/06/2019

Aceito em: 12/11/2019

ABSTRACT

At a time, in Brazil, of impending crisis in the Newspapers and Magazines, with massive layoffs and closures or reorganization of communications companies, we commented about the report as a genre that allows experimentation and that, in the opinion of researchers and journalists, is linked to the future of Print Journalism. Through a dynamic reflection, with current examples, we try to discuss how the report should be made in superficiality times and mooring for the journalists to stay in newsrooms.

Keywords: Print journalism. Report. Literary journalism.

Introdução

Folhear os livros escritos ou organizados por jornalistas brasileiros no final da década de 1990 e que preenchem as prateleiras das universidades é um mergulho na nostalgia de uma beleza ímpar. Sobre a prática profissional na Imprensa, até certo ponto romantizada, alguns diziam que só valia a pena ser jornalista se fosse para ser repórter. Em um momento de crise na Mídia Impressa no Brasil, pretendemos discutir neste artigo a ideia disseminada por Ricardo Kotscho (2000) e outros profissionais e pesquisadores já naquela época e que previa: “O futuro do jornal impresso parece estar mais ligado à reportagem”. Nossos questionamentos são: que tipo de reportagem? Como realizá-la? Por isso, propomos aqui, por meio de revisão bibliográfica, uma reflexão a respeito da temática, trazendo exemplos pertinentes e buscando apontar algumas possibilidades.

Horrível cor amarela-redação. É dessa tonalidade que a jornalista brasileira Eliane Brum considerou ter ficado quando desempenhou por um tempo a função de editora, na década de 1990, sem sair às ruas com frequência. Logo, ela pediu para voltar à reportagem. O problema é que, hoje em dia, não são apenas os editores que sofrem com a falta de Sol. Temos a consciência de que o desenvolvimento das tecnologias facilitou o acesso às informações e aos bancos de dados com suas estatísticas, mas, por outro lado, também trancafiou muitos repórteres, quicá a maior parte deles. Às vezes, por imposição da empresa; em outras ocasiões, por acomodação do próprio profissional ou dificuldade de escapar da rotina burocrática. O desenvolvimento da apuração a distância – antes, pelo telefone fixo; agora, através da Internet e suas redes sociais

ou e-mails e, ainda, pelos smartphones e aplicativos de conversa cada vez mais instantâneos – aliada ao crescimento vertiginoso das Assessorias de Comunicação foi uma mistura terrível para quem ainda mantinha ilusões com relação à profissão em sua essência genuína.

Apresentados brevemente tais dilemas, é a respeito de possibilidades para amenizar os impactos dessas mudanças no desempenho da atividade que desejamos discutir nesse ensaio. É, por assim dizer, uma reflexão sobre como os jornalistas contemporâneos deveriam se voltar menos para uma tela de computador plugada à Web e mais para escritos mestres de não-ficção feitos por gente como o norte-americano Truman Capote, que, na busca de produzir textos capitais do Jornalismo do século 20, via-se como um “viajante planetário, um turista na noite do deserto do Saara a se aproximar das tendas e fogueiras onde nativos perigosos espreitam, ouvindo os latidos de alerta dos cães” (CAPOTE, 2006, p. 9).

Para Clóvis Rossi, outro titã do Jornalismo nacional e que assinou o prefácio do livro “A aventura da reportagem”, o qual reúne experiências e relatos de Gilberto Dimenstein e Kotscho, a história acontece sempre na rua, que pode ser a rua propriamente dita ou ainda outros espaços, como “um estádio de futebol, a favela da Rocinha, o palanque de um comício, o gabinete de uma autoridade, as selvas de El Salvador, os campos petrolíferos do Oriente Médio. Só não pode ser a redação de um jornal” (ROSSI, 1990, p. 9). Na opinião de Rossi, o Jornalismo “só vale a pena pela sensação de se poder ser testemunha ocular da história do seu tempo” (idem, p. 9).

Muita coisa em pouco tempo

Vejamus um exemplo ilustrador da nossa preocupação. O Manual de Redação da Folha de São Paulo é utilizado para nortear não apenas os funcionários e colaboradores do maior diário do País, mas também é inspiração para outros meios de Comunicação do interior que seguem procedimentos, padronizações textuais e estilos inseridos na publicação. Não raramente, a obra também é empregada nas academias de Jornalismo, com o objetivo de preparar os estudantes para a rotina do mercado de trabalho, pois contempla uma série de itens relevantes à prática profissional – desde o planejamento da pauta até a seleção dos termos politicamente corretos naquele momento histórico.

A segunda edição, do ano de 1987, ao tratar do furo jornalístico, considera que “zelar todos os dias pela qualidade e quantidade de informações publicadas é mais importante que dar ou levar furos”. E mais: “Assim como os erros, os furos que a Folha leva (dos concorrentes) devem ser assumidos sem eufemismos” (1987, p. 31). Ou seja, é perceptível uma posição ainda romântica da época em que os jornais impressos eram autoridades na tarefa de divulgar “a informação importante e correta que apenas um veículo edita” (1987, p. 31). Cabe recordar que estamos no já distante ano de 1987, instante em que a chamada Era Digital sequer habitava o imaginário coletivo, algo que começa a se cristalizar por volta de 1995, quando o Jornalismo começa a experimentar o que hoje conhecemos por fetiche da velocidade, como bem definiu Silvia Moretzshon (2000).

No intervalo de duas décadas, encontramos outro contexto. Na décima edição, publicada em 2006, ao abordar o mesmo

tema, o Manual dá destaque a um alerta aos seus profissionais: “A proliferação de agências de notícia *online* pode levar os meios a uma indistinção se estes não possuírem talento e mecanismos para captar furos” (Folha de São Paulo, 2006, p. 26). Isto é, a empresa admite que não está sendo uma tarefa fácil conseguir aquela exclusividade que faça a leitura do jornal impresso do dia seguinte à árdua apuração ser “um ato único e singular de informação” (2006, p. 26).

Vale trazer à tona ainda alguns pontos que mostram “a expectativa versus a realidade” do estabelecimento da Era Digital no Jornalismo. Basta uma olhada rápida aos jornais e também aos sites de notícias para sentirmos que o Jornalismo não necessariamente melhorou com a ascensão da tecnologia. De acordo com o professor James Curran (BARROSO, 2012), quando questionado a respeito do uso da tecnologia, nos anos 1990 as expectativas eram muito grandes e as pessoas consideravam que o impacto da Internet concretizaria benefícios; no entanto, o que não se previu era que o mundo real iria dominar a Internet e que o Jornalismo seria pulverizado. “Pensava-se que a Internet iria remodelar o mundo, mas o mundo acabou por fazer o contrário. Acho que foi o mundo a ter mais impacto na Internet que o contrário”.

Por tudo isso, consideramos que apenas seguir a fórmula clássica não é suficiente para manter a atenção dos leitores ao impresso. Mais do que nunca, é hora de dar destaque ao “por que” e “para que” dentre as perguntas que compõem o *lead*. As outras questões possivelmente já estarão respondidas em efervescência nos sites e blogs mundo afora. Visto que, conforme a própria Folha de São Paulo, “tão importante quanto a obtenção da

informação exclusiva é a capacidade do jornalista de oferecer ao leitor a cobertura mais completa, precisa e original de fatos relevantes que possam eventualmente estar em outros veículos” (2006, p. 26), nós acreditamos que o procedimento diante dos fatos deve mudar para que seja longa a vida do impresso. Isso quer dizer que, no nosso ponto de vista, o repórter precisa encontrar maneiras para fugir à horrível cor amarela-redação. As rotas podem não estar somente nas técnicas de apuração e linguagem utilizada, mas também no modo de ver o seu papel social e as pequenas mudanças ao seu redor como parte de algo maior. E, para tanto, deve sair mais das Redações e ir tomar Sol ou chuva. Bem mais do que hoje.

Mediação cultural e Jornalismo Literário

Para o professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima, “a atualidade é o tempo presente, de duração curta, é o corte no momento histórico para flagrar os acontecimentos e relatá-los o quanto antes” (LIMA, 1998, p. 18). Por se preocupar principalmente com o efêmero, a memória do Jornalismo é “rasa e seu nível de mergulho na realidade é quase sempre superficial” (LIMA, 1998, p. 19), algo que Capote chamava de “degrau mais baixo da atividade jornalística” (idem, p. 11). Em virtude das horas escassas para checar e estruturar o seu trabalho, muitas vezes o repórter passa a imagem de ingênuo, pois não consegue atingir o ponto de problematização do assunto.

O outro problema é a periodicidade, ou seja, a necessidade produzir todos os dias um conteúdo “novo”. Para atender ao seu compromisso com a repetição regular no tempo, “o Jornalismo impõe-se uma rotina de produção que procura dar conta do recado dentro de rígidos padrões industriais” (LIMA,

1998, p. 20). Tal processo causa pelo menos duas “pragas”: a construção da mensagem por meio de uma fórmula e a legitimação de certas fontes, principalmente, as oficiais, em detrimento de outras inúmeras possibilidades de vozes a serem ouvidas. A fórmula, cabe dizer, é devidamente sintetizada na parametrização imposta pelo *lead*, a hoje capciosa técnica na qual o quê, quem, quando, onde, como e por que? São questões que devem balizar, desde o princípio, qualquer texto jornalístico.

Entretanto, acreditamos que há um local onde a compreensão se amplia e consegue fugir do senso comum. Trata-se da reportagem de profundidade, aquela que deixa de um “completo equívoco” para se tornar uma “obra de arte”, como defendia Capote (2006, p. 9). Embora tenhamos muitos pesquisadores que acreditam que existem apenas duas modalidades - Jornalismo bem feito e Jornalismo mal feito - nós trilhamos pela estrada daqueles autores que pensam que há uma narrativa para além da fórmula, que pode ser chamada por vários nomes, como Jornalismo Literário ou/ Jornalismo Narrativo.

Percebemos que, desde 1995, no Brasil, as melhores oportunidades para o Jornalismo Literário ocorrem principalmente nas revistas ou na Internet. Exemplificamos com o caso da Piauí, um magazine mensal idealizado pelo documentarista João Moreira Salles, que dá um tratamento especial aos textos, na busca por aproximar a linguagem das narrativas à estética literária e, por isso, atemporal. Na publicação, destacam-se os perfis jornalísticos, que são apurados durante meses pelos repórteres, os quais acompanham minuciosamente o cotidiano dos seus entrevistados.

No ponto de vista de José Hamilton Ribeiro, que relatou um pouco da sua experiência no livro “Repórteres”, reunindo a trajetória de 11 profissionais brasileiros de destaque, uma boa reportagem é uma vitória repentina que proporciona um sorriso de canto na boca de quem lê. No entanto, para ele, está cada vez mais difícil encontrar Jornalismo de profundidade nas revistas, jornais e portais porque esse tipo de resultado “custa caro e as empresas jornalísticas cuidam cada vez mais do seu saldo médio e menos dos seus compromissos com o leitor” (2004, p. 109).

De acordo com Cremilda Medina, existem alguns fatores – que para nós são encontrados na essência do Jornalismo Literário, embora a autora não use esta nomenclatura – que podem fazer com que a mediação social realizada pelo repórter seja mais completa e enriquecedora. Para ela, é fundamental que o jornalista realize uma leitura cultural da literatura, que acrescida da experiência da rua e do cotidiano que a profissão proporciona, promove o desenvolvimento de determinadas competências, as quais impulsionam a inteligência natural.

O ato jornalístico exige um olhar sutil e indiscreto do leitor cultural; uma visão complexa apta a recolher a polifonia e a polissemia do contexto sócio-cultural; e a relação dinâmica entre o eu e o outro. No ato analítico, decifrador, são fundamentais o amplo repertório mítico, aptidões transculturais e osmóticas, bem como a clareza que elucida caminhos de ruptura. Ao desembocar no ato expressivo, mobilizam-se a competência de narrador; fluência e regência de vozes; precisão; coerência e polissemia sintética da palavra-revelação. (MEDINA, 1996, p. 33).

Segundo Medina (2008, p. 10), o jornalista, entre outros profissionais, é um leitor

cultural. Isso quer dizer que o modo como o repórter enxerga e desvenda o que está ao seu redor, quando parte para coletar as informações para uma reportagem, por exemplo, poderá ou não conter “as digitais de uma sociedade”. Isso dependerá da sensibilidade de quem olha. A obra final terá marcas autorais, na opinião da pesquisadora, se conseguir “criar nexos dos sentidos da realidade pela razão complexa”. Quando alcança um estilo próprio, o produtor de conteúdo conseguirá criar algo inédito, sendo reconhecido pelo modo inovador de empregar a linguagem e a imaginação, em oposição às fórmulas limitantes. Para ela:

Sensibilidade solidária ao presente, inteligência sutil na decifração do acontecimento e criatividade literária (lato senso) resultam numa ação renovadora no domínio das mentalidades. Afinal, todo o agente cultural, o jornalista, por exemplo, ambiciona intervir na realidade. Em outras palavras, contribuir para o aperfeiçoamento das instituições e da cidadania. (MEDINA, 2008, p. 10).

Consideramos que as reflexões de Medina têm sintonia fina com o que acreditamos ser Jornalismo Literário. Por meio de uma leitura cultural bem realizada, o jornalista pode partir da palavra burocrática (*lead*, objetividade, relato) à palavra relevadora (descrição profunda, figuras de linguagem, retrato cultural). A mediação social que não reduz, mas amplia, na opinião dela, é construída por meio, também, de conteúdos complexos e não simplificadores. De acordo com Medina (1996, p. 14), então, o mediador social realiza um tipo de produção que pode ser considerada Jornalismo de Autor – que consiste em ultrapassar algumas metamorfoses na figura do jornalista: o apressado registrador do real passa a ser um especulador das camadas profundas da atualidade; o burocrata da redação

se transforma em pesquisador; o office-boy de informação alça voos no cargo de revelador de acontecimentos novos.

O comunicador social relaciona, nas relações simbólicas, o universo das ideias; ao mesmo tempo, trabalha com o imaginário coletivo, emoções, mitos, registros intuitivo-criativos; e, em terceiro lugar, com os comportamentos culturais, ação sociocultural que se codifica em situações muito expressivas do jogo dialético indivíduo – coletividade (local, regional e nacional) – universalidade. Assim, a linguagem da mediação social se informa de representações simbólicas lógico-analíticas (ideias, conceitos, argumentos), representações intuitivo-simbólicas (emoções, criações artísticas, mitos) e representações moto-operacionais (situações, modo de ação cultural). (MEDINA, 1996, p. 12).

Tal ponderação da pesquisadora nos revela que é difícil realizar uma boa leitura cultural e uma qualificada mediação social sem um tempo um pouco maior para a maturação das ideias.

Uma luz nesse túnel também para os jornais e revistas, em nosso ponto de vista, está em harmonia com a proposta de um Jornalismo Literário Avançado, a qual foi estabelecida pelo pesquisador Edvaldo Pereira Lima. Em seu site pessoal, ele disponibiliza as duas partes do seu estudo, contemplando uma formulação conceitual e prática. A justificativa do autor abrange a ideia de que a prática e o conhecimento em JL coexistem em três esferas de categorias de conteúdo. São elas:

a) Conjunto de princípios operativos e técnicas que diferenciam a sua natureza, em comparação ao modelo convencional predominante de Jornalismo. Nesse item, estão

pontos como a captação da realidade, os recursos narrativos e os modos de edição das matérias.

b) Caráter autoral do Jornalismo Literário, que dá a liberdade para o profissional produzir matérias com estilo próprio e voz autoral diferenciada, possibilitando individualidade e personalidade à narrativa.

c) Refere-se à visão de mundo, relacionando-se aos modos como os autores interagem com a realidade, captam e expressam o mundo. Inclui, então, crenças, valores, modelos de conhecimentos que fazem parte da vivência de cada jornalista e ao seu contexto sócio-histórico.

Conforme Lima, das três categorias acima, a primeira é a mais abordada em estudos, enquanto a última é a que mais necessita de olhares para mapear caminhos nessa área. É a respeito do terceiro ponto que ele aprofunda suas reflexões, ressaltando:

Ora, se o Jornalismo Literário tem como propósito compreender a realidade — assim entendemos, enquanto cabe ao jornalismo noticioso convencional informar, simplesmente —, em lugar da leitura efêmera e rápida que faz a imprensa diária, e em lugar da explicação racionalista apressada ou opinativa presente na maior parte da produção jornalística convencional, cabe a essa modalidade afastar-se desse papel importante, mas limitado, indo ao encontro de sua própria missão nobre. Essa consiste em ler o real de maneira ampla, buscando contextos, evitando julgamentos (especialmente os apressados), caminhando para a conquista de discernimento amplo e pela elucidação dos acontecimentos e situações sociais sobre os quais debruça o seu olhar (LIMA, 2015, online).

O ponto de vista acima converge para as reflexões de Cremilda Medina, a respeito da mediação social desenvolvida pelos escritores do tempo presente. A prática do Jornalismo Literário no dia a dia necessita de um estilo mais leve e melhor planejado, com elegância e um ponto de vista diferenciado. Faz-se necessário criar cenas em vez de relatar tópicos. “Em lugar de falar a respeito, (o jornalista) mostra. O texto é visual, cinematográfico, sensório, sensual, colorido, sonoro, aromatisado. (LIMA, 2015, online).

Um mergulho para fora do aquário?

O escritor David Foster Wallace certa vez começou um discurso para formandos com uma anedota interessante que decidimos incluir aqui:

“Dois peixinhos estão nadando juntos e cruzam com um peixe mais velho, nadando em sentido contrário. Ele os cumprimenta e diz:

- Bom dia, meninos. Como está a água?

Os dois peixinhos nadam mais um pouco, até que um deles olha para o outro e pergunta:

- Água? Que diabo é isso?” (WALLACE, 2008).

No desenvolvimento de sua fala, Wallace disse que o interessante não é olhar tal texto apenas sob o prisma de “experiência versus juventude”. A graça está em perceber que, muitas vezes, o mais difícil de ser visto é aquilo que está óbvio, evidente. Acreditamos que a acomodação à rotina, causadora de uma miopia simbólica a muitos jornalistas, faz com que eles pareçam os peixinhos ingênuos, que não conseguem perceber

a água na qual estão imersos e continuam reproduzindo um modelo sem refletir sobre ele ou a respeito de outras possibilidades possíveis.

Apesar de que há sempre quem diga que os bons encontrarão seu espaço no mercado de trabalho, os tempos atuais, com notícias rotineiras de demissões em massa das preocupam. Todavia, percebemos também a energia pulsante daqueles repórteres que têm a coragem de criar o seu lugar quando não encontram suporte na mídia tradicional. Isso mostra que, como escreveu em sua rede social um grande jornalista paranaense ao ser demitido: “Jornais morrem. O Jornalismo, nunca”. Talvez seja o momento propício para tentar dar um mergulho para fora do aquário?

Destacamos aqui ações de agências de reportagem e Jornalismo Investigativo que utilizam financiamento coletivo para cobrir os gastos e apurar temas pertinentes ou congregam materiais de alto nível que não circulariam nos meios de Comunicação tradicionais. Um exemplo é a Agência Pública, que se pauta por uma abordagem sem fins lucrativos de desenvolve reportagens de profundidade a respeito de temas emergentes, por meio de doações de financiadores. Outro modelo é o site Ponte Jornalismo, focado nas áreas de Segurança Pública, Direitos Humanos e Justiça, o qual reúne apurações de voluntários e recebe apoio de pessoas e instituições.

Não é demais citar, dentre a chamada Grande Imprensa brasileira, a existência de uma ilha de excelência no que tange à produção editorial de profundidade, ainda que ancorada em uma matriz internacional – a revista mensal National Geographic Brasil (NGBrasil), cuja edição de setembro de 2015,

por exemplo entrega a seus leitores duas reportagens que, de fato, já podem ser consideradas clássicas, uma sobre o que chama de Guerra do Marfim (no continente africano) e outra acerca de uma incrível escalada de profissionais da Comunicação junto à montanha Hkakabo Razi, na Ásia Oriental.

De seu turno, Eliane Brum, citada na abertura desse artigo, organizou uma edição da Série Repórter, promovida pelo Instituto Itaú Cultural. Em uma entrevista a respeito do evento, que homenageou experientes profissionais, como José Hamilton Ribeiro (correspondente de guerra), Lúcio Flávio Pinto (um self made man verde amarelo) e Clóvis Rossi (autor do livreto clássico *O que é Jornalismo?*), a jornalista falou a respeito da necessidade de documentar também a trajetória de quem fez/faz reportagem de qualidade no País, tendo em vista que os mais velhos têm sido eliminados das empresas e não repassam mais seus conhecimentos aos jovens, como ocorria antigamente. De acordo com ela:

A gente está em um momento em que é preciso pensar como continuar fazendo reportagem. Porque a crise existe, o modelo de negócios está em crise, mas a reportagem continua a mesma. A reportagem é a narrativa do Jornalismo por excelência. A reportagem é uma narrativa diferente de qualquer outra, que conta a sua época histórica. É uma coisa difícil, cara, complicada, que exige que cada repórter faça um profundo movimento de se desabituar de si para ir em direção ao mundo que é do outro. O principal instrumento da reportagem é a escuta; o repórter precisa checar cinco vezes cada informação que vai publicar, para ter credibilidade e o respeito do leitor (RIBEIRO, 2015).

A proposta do encontro era também discutir esse momento atual no Brasil, ou-

vindo profissionais jovens que estão se reinventando para continuar a praticar a reportagem. Conforme Eliane, o que está se alterando é o modelo de negócio, ou seja, a forma de financiar e de fazer acontecer, mas a essência permanece a mesma de quando José Hamilton Ribeiro começou a trabalhar em uma redação, há seis décadas. Afinal, como a repórter e colunista fez questão de reforçar: “O

tem a ambição de construir memória. A reportagem é uma reflexão em movimento sobre essa história em movimento”. (RIBEIRO, 2015).

Em última instância, estamos diante de um dilema no qual ou nos aprofundamos na reportagem como feixe de luz para o Jornalismo – sobretudo o impresso – ou nos deixamos soterrar pelo fetiche da velocidade, fazendo chegar à audiência quaisquer informações, desde que servidas (e sorvidas) rapidamente. Sim, a reportagem em profundidade é um ideal de mercado em um mercado em turbilhão, como referido há pouco. É um sonho para muitos mas sem o qual somente o mundo cartesiano nos restaria, como bem descreveu certa vez Carlos Vogt (2002, em texto *online*), ao tratar da dimensão da Cultura na vida dos jovens, traduzindo um diálogo do romance *The razor's edge*, do escritor inglês Somerset Maugham – quando Larry, o personagem principal, recebe em seu pequeno studio parisiense a namorada Isabel, americana como ele:

Você não acha que deveria contar-me o que você tem feito em Paris durante todo esse tempo em que está por aí?'

'Tenho lido muito. Oito a dez horas por dia. Tenho assistido a palestras na Sorbonne. Acho que li tudo o que é importante em literatura francesa e posso ler em latim,

peelo menos a prosa latina, quase tão facilmente quanto leio em francês. Grego, é claro, é mais difícil. Mas tenho um ótimo professor com quem eu costumava estudar três noites por semana antes de sua chegada a Paris’

‘E isso leva a quê?’

‘À aquisição do conhecimento’, ele sorriu.

‘Não parece muito prático’.

‘Talvez não seja e talvez seja. Mas é muito divertido. Você não imagina a emoção que é ler a *Odisséia* no original. Você simplesmente se sente como se bastasse ficar na ponta dos pés e estender as mãos para tocar as estrelas.

Buscar o intangível (como defende Vogt no artigo) e seguir o compasso do tempo, porém, ancorado na rocha. Quem sabe sejam esses os desafios do jornalista contemporâneo. Recorremos a uma frase de Bauman: “Não são as crises que mudam o mundo, e sim nossa reação a elas” (PRADO, 2010). Essa é a nossa dica final: reaja à cor amarela-redação.

Referências

BARROSO, Ricardo Paz. **James Curran: O Jornalismo ficou muito pior com a chegada da internet**. Março de 2012. Disponível em: http://www.asor.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2982:james-curran-o-jornalismo-ficou-muito-pior-com-a-chegada-da-internet&catid=25:sindicato&Itemid=60. Acesso em: 25 set. 2015.

CAPOTE, Truman. **Os cães ladram – pessoas públicas e lugares privados**. Porto Alegre: LP&M, 2006.

EDITORA ABRIL. *Revista National Geographic Brasil*, set 2015.

FERNANDES, Marcio. **Jornalismo, peixes e cartões telefônicos**. Observatório da Imprensa. Mai 2005. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/jornalismo-peixes-e-cartoes-telefonicos/>. Acesso em: 15 set. 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual Geral da Redação**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

_____. **Manual da redação: Folha de São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2006.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no**

Século XXI. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://www.edvaldopereira-lima.com.br/index.php/jornalismo-literario/artigos>. Acesso em: 14 set. 2015.

MARTINS, Eliane. **Eliane Brum – a colecionadora de prêmios**. Entrevista à Associação Brasileira de Imprensa, em 5 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>. Acesso em: 14 set. 2015.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

_____, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

_____, Cremilda. (Org.). **Povo e personagem: sociedade, cultura e mito no romance latino-americano**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

PRADO, Adriana. **Zygmunt Bauman – “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”**. Entrevista à Isto É, em 24 de setembro de 2010. Disponível em: http://www.isto.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR. Acesso em: 14 set. 2015.

RIBEIRO, Duanne. **Eliane Brum – “reportagem é reflexão em movimento”**. Entrevista ao Itaú Cultural, em 8 de setembro de 2015. Disponível em: <http://novo.itaucultural.org.br/explore/blogs/fala-com-arte/eliane-brum-reportagem-e-reflexao-em-movimento/>. Acesso em: 14 set. 2015.

RIBEIRO, José Hamilton. **Fórmula de Reportagem**. In: DANTAS, Audálio. **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

ROSSI, Clovis. Prefácio. In: DIMENSTEIN, Gilberto. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.

VOGT, Carlos. **Jornalismo, cultura e humanismo**. Observatório da Imprensa. Mai 2005. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/oi080520025p.htm>. Acesso em: 14 set. 2015.

WALLACE, David Foster. **A liberdade de ver os outros**. Coluna na Revista Piauí, em outubro de 2008. Disponível em: <http://revistapiui.estadao.com.br/edicao-25/despedita/a-liberdade-de-ver-os-outros>. Acesso em: 14 set. 2015.